

ELIZABETH MEDEIROS HOGUE

UMA LUSO-DESCENDENTE CANTORA DE ÓPERA



Para quem duvida que podemos encontrar portugueses e luso-descendentes na América em todas as áreas do trabalho, espectáculo, desporto, etc, apresentamos hoje o exemplo de Elizabeth Medeiros Hogue, uma luso-americana que faz carreira no mundo da ópera como soprano.

Natural da Califórnia, Elizabeth é filha de Aires Medeiros, nascido no Funchal, e Barbara

Medeiros, natural de New Bedford filha de portugueses, actualmente a residirem em Falmouth, MA. Começou a cantar muito pequena, em espectáculos musicais na escola, mas cedo descobriu que a sua voz se adaptava melhor ao género operático. Começou então lições de canto clássico, aos 13 anos, com um professor privado, mas mesmo assim quis experimentar outros géneros musicais. Diz ao Mundo Português:

"O meu background musical é muito variado. Co-

mecei a cantar em musicais quando era criança e foi aí que descobri que a minha voz soava melhor quando cantava ópera. Durante dois anos cantei também numa orquestra Top 40 chamada Short Circuit, onde o meu irmão era baterista, mas acabei por abandonar pelas mesmas razões. Voltei então ao estudo da ópera, um género que também me agrada uma vez que contém drama (teatro) e canto. Por isso posso combinar duas coisas de que gosto muito. Por outro lado, a ópera é poderosa e muito emotiva, elementos também importantes para mim quando canto".

Elizabeth continuou os seus estudos de ópera no New England Conservatory of Music e na San Jose State University e a sua estreia num espectáculo de ópera aconteceu nesta universidade no papel de freira na ópera "Suor Angelica", de Puccini. Mais tarde mudou-se para o Maine e no Verão de 1996 volta aos palcos na produção do Opera Repertory Theater no papel de Cio Cio San's Aunt, na ópera "Madame Butterfly", de Puccini. A partir daqui nunca mais deixou de cantar.

A música sempre fez parte da sua vida, desde criança, pois Elizabeth recorda-se de acompanhar os pais às tradicionais festas portuguesas, onde este tocava e a mãe cantava: "Comecei a prestar atenção à maneira de cantar o fado, as canções folclóricas e populares", diz ao Mundo Português. "Eu própria cheguei a cantar algumas".

Uma educação artística

Elizabeth recorda que, era ainda criança, os pais quiseram que ela aprendesse piano e tivesse aulas de canto e dança. Uma educação que hoje agradece e que muito contribuiu para a formação da sua sensibilidade artística. Música foi, aliás, coisa que nunca faltou na sua casa. O pai tinha na altura

“Tenho um sonho de um dia cantar ópera em Portugal”



Na ópera La Traviata

um grupo de guitarristas portugueses, com os três irmãos mais velhos, Alvarino, Egídio e Leonel (o seu pai tem 10 irmãos). A sua mãe, Barbara, e irmã, Fátima Silva, cantavam regularmente nas festas portuguesas e Elizabeth chegou a tocar clarinete na San Jose Portuguese Marching Band durante alguns anos. Mas a educação musical formal iniciou-a no New England of Music, onde esteve um ano no curso de Canto até concluir que o que queria mesmo era prosseguir uma carreira de teatro e música. Muda-se então de novo para San Jose e matricula-se na State Universidade, onde concluiu um curso de Theatre Arts com especialização em Drama. Paralelamente, tirou também um mestrado em Bibliotecária, o que lhe vem permitindo trabalhar e cantar ao mesmo tempo. Actualmente trabalha na Old Dominion University, em Norfolk, VA, como Humanities Reference Librarian/Music Bibliographer.

A Virginia Opera

Depois de uma passagem pela Portland Opera Repertory Company, interpretando pequenos papéis, o grande salto artístico de Elizabeth ocorreu com a estreia na Ópera da Virginia como corista, onde interpretou papéis de primeiro plano como Anna em Don Giovanni, Tosca e Violetta, em La Traviata. Na passada temporada podemos vê-la encarnado Third Maid em Elektra ou Berta, no Barbeiro de Sevilha, actuações que mereceram o aplauso unânime da crítica especializada. Na presente temporada vamos de novo poder vê-la em Ortlinde, uma da Valquirias, ou em Die Walküre ou Mrs Cratchit no Christmas Carol

Thea Musgraves.

Um percurso feito de muito trabalho e extrema dedicação numa arte só reservada a uns poucos.

“Cantar ópera é difícil”, diz Elizabeth, “porque implica dominar uma técnica vocal diferente e uma estamina não necessária noutros géneros vocais. Tal como qualquer outro atleta, uma cantora de ópera tem de exercitar os músculos vocais todos os dias. Por outro lado, uma ópera é cantada em várias línguas e implica que o cantor faça um estudo prévio mesmo antes de aprender as notas. Tenho de traduzir cada palavra e ter a certeza que sei a maneira correcta de a pronunciar. Tenho ainda de trabalhar constantemente com professores de canto, que me ajudam a perceber o estilo de ópera que estou a aprender. É que cada compositor tem o seu próprio estilo que nós temos de dominar. Por exemplo, cantar Mozart é diferente de cantar Puccini”.

Elizabeth diz-se muito orgulhosa das suas raízes culturais portuguesas e recorda com saudade os tempos da sua juventude, na Califórnia, quando frequentou a escola portuguesa das Cinco Chagas e onde aprendeu a falar português. Lembra também as casas dos vários tios, onde se respirava cultura portuguesa, as festas do Espírito Santo e a comunidade portuguesa. “As minhas raízes constituíram sempre uma parte importante de mim e eu sentia-me confortável quando participava neste eventos”, diz. “E tenho um sonho de



Elizabeth Hogue na ópera La Traviata

um dia cantar ópera em Portugal”.

Os Açores, a terra do seu pai, visitou-a uma única vez quando tinha 16 anos, era então membro da San Jose Marching Band que ali se deslocou para actuar. Quanto à nossa comunidade nos Estados Unidos, diz que nem sempre é reconhecido o seu valor e que precisamos de mais luso-descendentes na política, nas artes e nos negócios.

Quanto ao futuro, espera cantar um dia com a New York City Opera ou com a Metropolitan e também com companhias europeias.